



@REMIX.AG

REMIXINGIDEAS

31.07
06.08

SEMANA
31

**THE WEEK,
REMIXED.**

A NEWSLETTER SEMANAL
QUE OBSERVA O DIGITAL,
SE LIGA NA CULTURA
E REMIXA A SEMANA TODA
EM UM ÚNICO LUGAR.

CONVERSA DA SEMANA

SER UMA MULHER
NEGRA NO BRASIL

NÃO É NADA FÁCIL

Na luta antirracista, a mulher negra é a chave para romper padrões e derrubar estruturas tradicionais, basta que sejam escutadas, enxergadas e validadas. Nesta edição reunimos um pouco das complexidades de suas vivências.

ASSINE NOSSA NEWSLETTER

NA PIRÂMIDE SOCIAL

A MULHER NEGRA É A BASE E ISSO NÃO É BOM

Essa é a representação de uma pirâmide social que delimita quais são os indivíduos que mais acessam privilégios em nossa sociedade.

No topo temos o homem branco, maior detentor de poderes dentro de um sistema capitalista. Em seguida a mulher branca, que não acessa todos os privilégios por ser atingida pelo machismo. Abaixo está o homem negro que é impedido pelo racismo de alcançar os mesmos privilégios do homem e a da mulher brancos.



É POR ISSO QUE QUANDO A MULHER NEGRA SE ERGUE, TODA A SOCIEDADE É BENEFICIADA



Reprodução site Hypheness

O PENSAMENTO DE ANGELA DAVIS

Quando a filósofa e pensadora norte-americana Angela Davis disse numa entrevista à ONU Mulheres Brasil (2019) que “nós mulheres negras lutamos por todos os demais”, ela destacou que a luta da mulher negra vem de muito tempo. Mesmo não reconhecidas como protagonistas de grandes movimentos sociais como os Panteras Negras (do qual Angela fez parte em 1970), as mulheres negras sempre lutaram por direitos que não beneficiam apenas elas próprias, mas a todas e todos.

NA ROTA DOS PRIVILÉGIOS, MULHERES NEGRAS ENFRENTAM MAIS OBSTÁCULOS

Caso fizéssemos um jogo de eliminação, todos esses entraves abaixo entrariam como impasses de trajetória. E eles nem são todos os enfrentamentos que afetam as mulheres pretas.

A mulher negra já representa dois terços das mortes do por feminicídio no Brasil (O Globo, 2019)

Apenas 10% delas completam o ensino superior (IBGE)

Só em 2017 foram assassinadas 9 mulheres negras por dia no país (Atlas da Violência do Ipea)

A taxa de homicídios de mulheres negras cresceu 30% entre 2007 e 2017, enquanto a de mulheres não negras aumentou 4,5% (Atlas da Violência do Ipea)

Elas recebem menos da metade do salário dos homens brancos no Brasil (El País, 2019)

Também correspondem à maioria da população brasileira, cerca de 60 milhões de pessoas (IBGE), e elas são 50% mais suscetíveis ao desemprego (Huffpost Brasil, 2020)

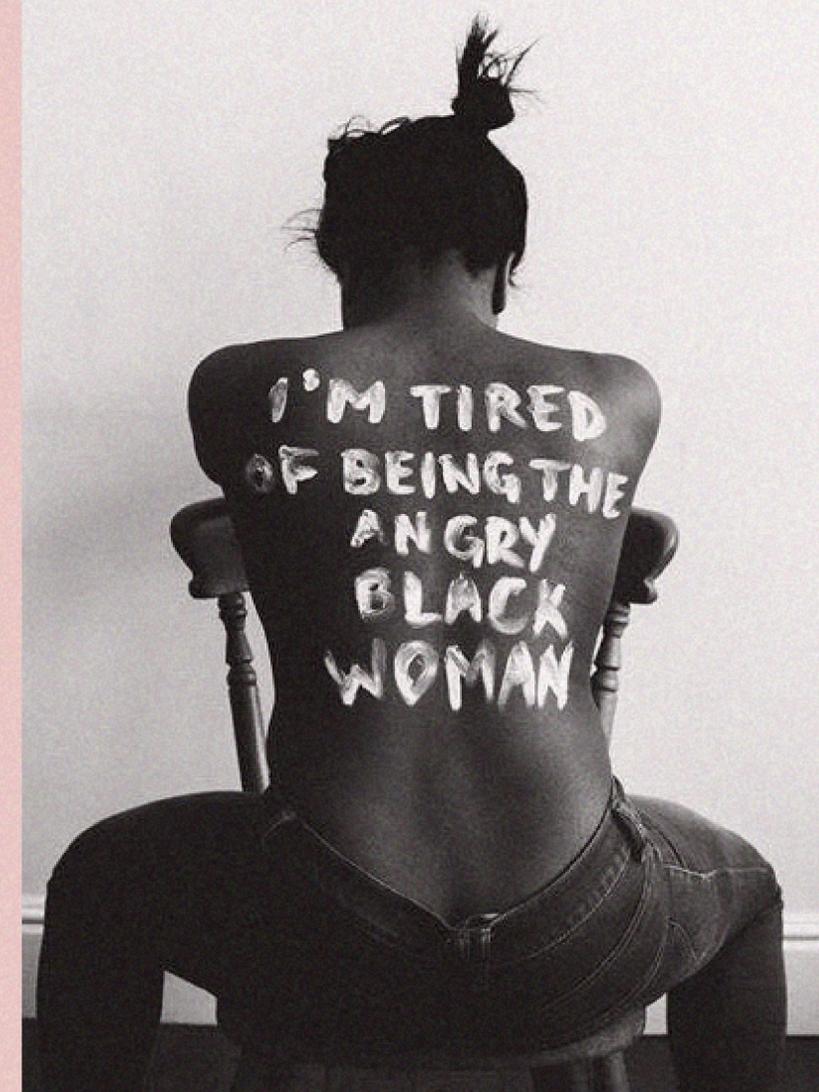
DERRUBANDO ESTEREÓTIPOS

Mulheres pretas são plurais, mas dentro de uma sociedade que as enxerga com as lentes do racismo e machismo, estereótipos são construídos e distorcem a imagem dessas mulheres. **Vamos derrubar essas preconceções?**

A AGRESSIVA

É inegável, a raiva existe: a raiva da falta de acesso à educação para o povo negro, a raiva dos estereótipos violentos propagados e o desgaste com o machismo e o racismo estrutural. Mas, por mais que mulheres negras carreguem esse sentimento, a percepção que fica é que quando elas abordam essas questões e finalmente falam sobre essas dores, o estereótipo da mulher negra agressiva surge e toma conta de tudo, deslegitimando as demandas (Winnie Bueno - a quem serve o mito da agressividade).

**Deixem a mulher negra falar,
aprendam a ouvir, basta de medo
branco!**



DERRUBANDO ESTEREÓTIPOS

A MULHER HIPERSSEXUALIZADA

Essa é a representação machista e racista sobre a qual foi construída a imagem da mulher negra desde o período colonial: o estereótipo de mulher boa de cama, libertina e objeto de prazer do homem.

Permeada por esse mito, a mulher negra acaba animalizada, o que torna muito difícil a luta pelo reconhecimento profissional e a ocupação de espaços sociais. É preciso constantemente provar seu valor e combater a ideia de que são somente seres excêntricos e exóticos que atendem aos desejos de quem quer experimentar “uma mulher quente”.

18+



Reprodução site Blogueiras Negras

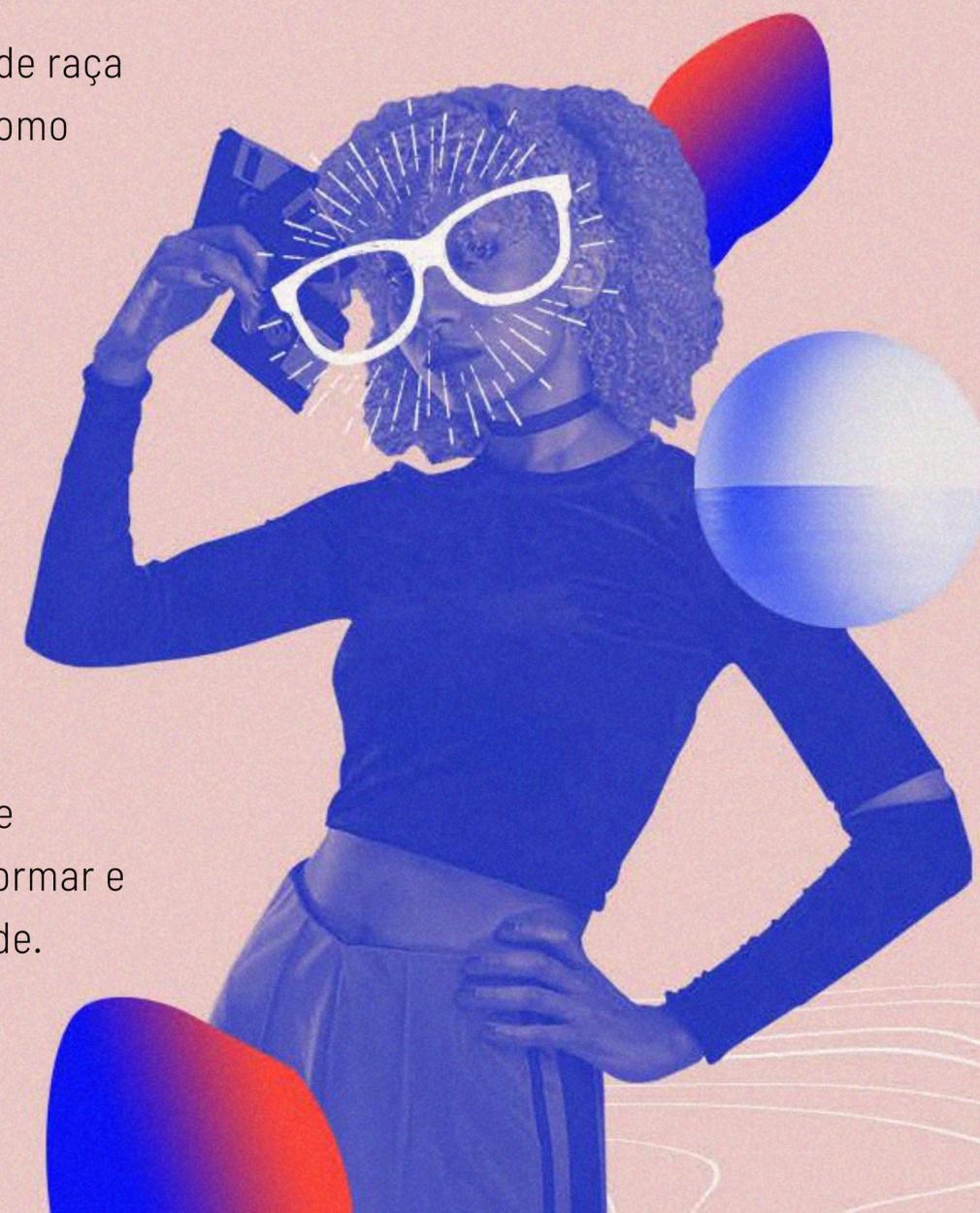


A WIKIPRETA

O importante a saber é: não use mulheres negras como seu Google pessoal. A bandeira do antirracismo não pode vir acompanhada de exigências em cima da mulher preta.

Não dá para querer entender de raça sobrecarregando mulheres, como se elas tivessem o papel de educar. Ao invés de ir atrás de uma amiga para fazer questionamentos, que tal procurar pesquisadoras e creators que produzem constantemente conteúdos sobre negritude, afetividade, racismo, movimentos sociais, autoimagem, etc?

Existem conteúdos gratuitos e de qualidade para você se informar e entender melhor essa realidade.



DERRUBANDO ESTEREÓTIPOS

*NINGUÉM É FORTE O TEMPO INTEIRO.
NEM A MULHER PRETA.*

A guerreira está exausta! E quem nunca se pegou chamando mulheres pretas de guerreiras? Romantizar essa palavra nesse contexto é fazer todos acreditarem que o corpo preto dá conta de tudo, mas não dá: **é um corpo como todos os outros, que precisa de descanso e dignidade.**

Quando se pensa em uma mulher frágil, quase nunca é a negra, que sempre recai nesse imaginário de mulher que aguenta tudo, que é mais forte, que segue sem cair e se levanta mais rápido. Isso não é verdade, mulheres pretas também são frágeis. Esse é só mais um discurso que animaliza corpos.

A RÉGUA DE "NEGRÔMETRO"

Mesmo entre as mulheres negras, há diferenças no tratamento e nas oportunidades. Resumidamente: também há discriminações que dependem do tom da pele. Quanto mais retinta (pele mais escura), mais o preconceito se escancara.

A partir desse entendimento, muitos acessam a mulher negra para validar a identidade de outras pessoas negras, de modo quase mecânico. Essa prática é um tanto recorrente e desgastante, como se todos os negros tivessem o dever de exercer o papel da validação.

Derrubem essa exigência e procurem suas próprias formas de entender sobre identidades.

MAS QUE CARA TEM A MULHER PRETA DESTE PAÍS?

SUELI CARNEIRO NOS DIZ!



Reprodução site 50 e mais /
foto Revista Trip

“**A mulher negra não entendeu nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar**”

Sueli Carneiro
em Identidades Femininas



A CARA DE QUEM NÃO FOI **ENXERGADA**

O papel de “sexo frágil” da cultura patriarcal nunca coube às mulheres pretas no Brasil: desde a formação do nosso país, já eram delas os lugares de mucamas, escravas nas lavouras, vendedoras e até prostitutas (Identidades Femininas, Sueli carneiro).

Basta ver que a mulher preta não se encaixa em quase nenhum aspecto da luta feminista em geral. Suas demandas foram e ainda são bem distintas: vão desde a situação de posse de terra (caso das comunidades quilombolas), organizações comunitárias (principalmente nas periferias), à inclusão e manutenção de pessoas negras em universidades e em espaços de saúde, por exemplo.

O duplo preconceito (de gênero e de raça) exige que a luta da mulher preta receba um olhar específico. Enquanto isso não acontecer – da escrava, à doméstica, ou à “beleza exótica” da mulata tipo exportação –, a identidade da mulher negra continuará sendo a identidade de objeto (Politize, 2019).

Então, quando se pede condições iguais para homens e mulheres no mercado de trabalho, quais mulheres vocês consideram que realmente serão beneficiadas?



SER MULHER NEGRA NÃO ESTÁ NA MODA MUITO MENOS NO BRASIL

BLACKFISHING, VEM ENTENDER!

Branças postando fotos em suas redes sociais com a pele bronzeada, cabelo em estética afro e acessórios que fazem parte da cultura negra. Você já viu por aí?

Longe de ser uma tendência inofensiva e muito perto de apropriação cultural, essas mulheres - cheias de privilégios - tiram proveito e se apropriam de uma beleza que não é delas. E o pior: ignoram o real significado desse padrão e o que ele representa culturalmente.



Reprodução site Hypeness

DA AFROCONVENIÊNCIA DE ANITTA A GENTE CONHECE BEM



Reprodução youtube

A cantora parece não se decidir entre aparecer em premiações como uma mulher branca de cabelos lisos ou carregada de referências afro em videoclipes quando convém.

A questão é: **a manutenção de uma identidade negra é mais do que estética... é RESISTÊNCIA e PERMANÊNCIA.** E é aí que o bicho pega. Até que ponto tudo não passa de uma jogada de marketing dentro da causa racial?

Estamos de olho 👁️👁️

PARA SE ERGUER É PRECISO ESTAR **FORTALECIDA**

A AFROTERAPIA É UMA REALIDADE CADA VEZ MAIS ACESSADA POR MULHER NEGRAS

“A disposição para o enfrentamento tem dado fôlego a profissionais, para assumirem métodos que objetivam pôr em xeque a herança excludente da psicologia. Para exemplificar, destaco a atuação de psicólogas(os) negras(os) que têm estado dispostas, tal como aquilombados, a resistir e enfrentar o racismo, discutindo atitudes negligentes, desenvolvendo uma psicologia intitulada antirracista capaz de reconhecer o caráter falacioso da democracia racial”

(Trecho retirado da matéria "Qual o lugar da psicologia frente ao racismo?" - Portal Gelédes)



ESCURECENDO MAIS OS FATOS

UMA CONVERSA SOBRE AFROTERAPIA

por Laís Melo, psicóloga e colunista do site
Ativismo Negro

Por que mulheres pretas fazendo terapia com outras mulheres pretas é justo e legítimo?

Por muito tempo, quem acessou o lugar de conhecimento acadêmico da psicologia como um recurso de autocuidado pessoas ricas, brancas em sua maioria, e da elite. Isso colocou a psicologia num lugar de elitização, de restrição. Portanto, é muito recente a popularização da psicologia e do cuidado da saúde mental como uma prática possível - e isso se dá por conta da democratização do acesso às universidades.

E aí, quando as pessoas de uma camada popular começam a ter acesso a esse autocuidado, obviamente elas querem abordar as dores que viveram no processo de subida da classe C, na passagem da pobreza extrema, para uma outra classe social. E quando elas chegam lá para falar com os psicólogos brancos que foram aprender as suas psicanálises lá na Europa, a técnica cognitiva e comportamental nos Estados Unidos, elas são violentadas

novamente, porque essas pessoas brancas, com esse repertório branco, com essas referências brancas, não sabem como acolher as pessoas negras.

Então, o principal motivo de ter começado a acontecer uma terapia que é feita de pessoas negras para pessoas negras, é porque a psicologia branca não dá conta das nossas demandas, das nossas feridas. Isso se torna legítimo também no viés econômico, quando entendemos o black money, que é a possibilidade de retroalimentar nossas comunidades financeiramente, emocionalmente, culturalmente e socialmente.

“O principal motivo de ter começado a acontecer uma terapia feita de pessoas negras para pessoas negras, é porque a psicologia branca não dá conta das nossas demandas, das nossas feridas”

Dentro dessas subjetividades das mulheres negras, quais temas ao seu ver são urgentes enquanto autocuidado?

As questões mais frequentes que ganham um impacto maior são sobre estética e autoestima. Então, enquanto existe um apagamento da nossa imagem, um não-reconhecimento da nossa beleza, uma não-validação dos nossos símbolos culturais tão presentes na nossa aparência física mesmo, na nossa forma de nos comportar, na música que a gente escuta, na arte que a gente aprecia... a cultura européia é muito contemplativa.

Exemplos disso são o samba e o funk, que são as nossas formas de arte muito elaboradas, simbólicas e sofisticadas que se fazem no corpo. Essa corporalidade é uma questão muito forte de como a gente não pode viver os nossos símbolos, as nossas práticas e os nossos costumes, porque isso é tido como feio e vulgar.

Para além disso, o racismo estrutural faz com que o simples fato de uma mulher preta estar em um lugar já seja visto como uma ocupação, quando simplesmente a gente quer trabalhar para ter uma

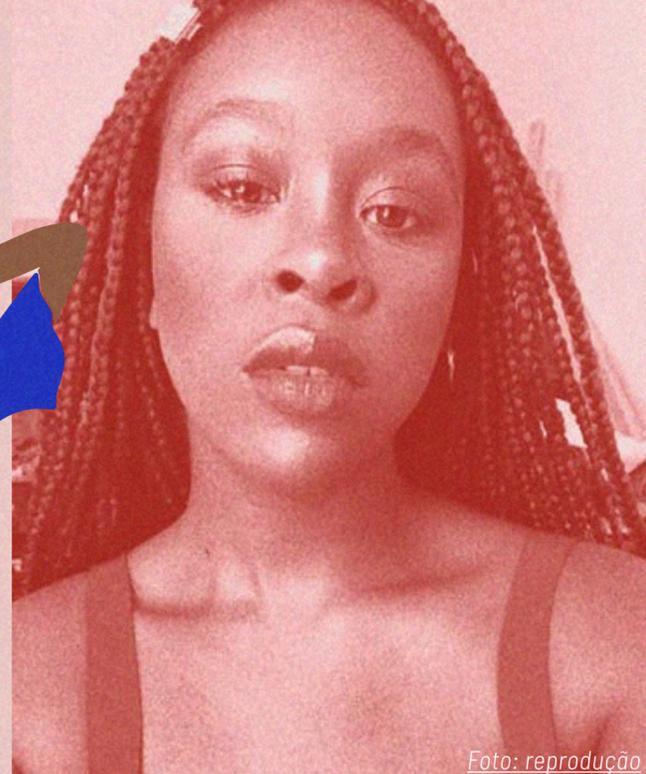


Foto: reprodução

vida melhor, alcançar estabilidade financeira e exercer o nosso potencial criativo.

A solidão da mulher preta também é algo que aparece muito. Desde a mulher mais simples até a mulher que está lá, no topo do mundo, sabe? Porque quando você chega lá, quase sempre você chegou sozinha, se infiltrando por um monte de brechas para conseguir acessar algumas oportunidades.

Uma outra coisa é a insegurança afetiva. Muitas mulheres pretas gastam uma boa parte do tempo com medo de serem trocadas por mulheres brancas. E aí a gente pode pensar em problemáticas como a feminilidade ser algo associado apenas à mulher branca.

UMA MENSAGEM PARA MULHERES PRETAS, POR LAÍS MELO

Você que sempre viu a psicologia como algo que não faz parte da sua realidade, o que eu posso dizer é que a psicologia é uma possibilidade. A análise é realmente um espaço que pode ser de emancipação, cuidado, reparação e reconstrução.

Não pense que, porque a sua mãe ou a sua avó enfrentam realidades que talvez você considere mais difíceis do que a sua, você vai ser menos forte ou menos potente se utilizar desses recursos.

“Toda mulher que é negra e forte hoje, já foi em algum momento da trajetória dela a “neguinha feia”. O que é muito triste de se pensar.”



O CONHECIMENTO DA MULHER PRETA VAI PARA ALÉM DOS TRADICIONALISMOS

*AS EXIGÊNCIAS PARA CONTRATAÇÃO
EM GRANDES EMPRESAS SÃO MESMO
ESSENCIAIS?*

Existe um problema na entrada de mulheres negras em cargos mais altos no mercado de trabalho. E esse problema é reflexo do racismo estrutural que chega nas instituições. Para que empresas levantem de forma genuína a bandeira da diversidade, é necessário fazer uma REVOLUÇÃO nos processos de seleção e cultura interna de RHs.

Pergunte-se: é mesmo imprescindível para a sua empresa exigir formação em grandes faculdades particulares? inglês fluente? e experiências internacionais? Pois esses recortes já barram muitas mulheres pretas e invalidam as experiências profissionais que elas carregam, que são muito ricas e vêm de outras vivências não-tradicionais.

*EPISTEMICÍDIO,
VOCÊ JÁ OUVIU
FALAR?*

Sueli Carneiro desdobra esse termo no texto “A construção do outro como não-ser, como fundamento do ser”. Ele diz respeito a uma prática muito comum e que não é nada recente: a invalidação do conhecimento de povos subjugados - aliás, um grande instrumento de dominação.

“O epistemicídio é um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais”, detalha Sueli. É como se a racionalidade de povos pretos e indígenas não fosse nada válida diante do conhecimento que vem de povos dominantes.

E, a partir do entendimento de que pessoas pretas têm acesso mais dificultoso à educação, entendemos como o epistemicídio é um plano muito maior e milenar.

Diante disso, provocamos: será que sua empresa, ao não contratar mulheres pretas por “falta de formação”, não está contribuindo com esse plano?



MULHERES PRETAS NÃO OCUPAM O MARKETING, ELAS O INTEGRAM

NAS AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE DE
SÃO PAULO, MULHERES TOTALIZAM
46% DO QUADRO DE FUNCIONÁRIOS

Pesquisa de Dia da Mulher realizada pela Propmark + More Grls (2020)

Quando a realidade acima é cada vez mais gritante, mulheres negras passam a acreditar que esses espaços não lhes pertencem e que elas os estão ocupando. Empresas também vendem essa ideia ao contratá-las para integrar, na maioria dos casos, os chamados "núcleos de diversidade", quando, na verdade, todo o quadro de funcionários das agências e empresas de comunicação deveria refletir a proposta de diversidade.

Vamos conversar sobre isso?



APENAS

4,3%

DELAS SÃO NEGRAS!



ESCURECENDO MAIS

OS FATOS 2

UMA CONVERSA SOBRE O MERCADO DE MARKETING DE SÃO PAULO.

Por Rita Romão, Publicitária e estrategista na Think Eva

“É importante entender o quanto nossas trajetórias têm um lugar de valor e nos fazem seres criativos e protagonistas dos nossos trabalhos.”

Estar num cargo importante no marketing/comunicação de São Paulo hoje, sendo uma mulher negra e nordestina, te faz acreditar mais em você e no seu trampo?

Esse lugar da minha autoestima profissional é um processo em construção constante sendo essa mulher preta, periférica e nordestina (vim de Aracaju, Sergipe) que sou. São muitos atravessamentos que passam quando ocupamos lugares mais vulneráveis para a mulher preta - quando as nossas vivências e as nossas vozes sempre foram negligenciadas ou não ouvidas nos espaços institucionais.

Uma vez uma amiga me falou que todo mundo é especialista em alguma coisa, isso foi muito importante para eu entender que apesar de ter apenas dois anos no mercado profissional de São Paulo, em algum lugar em mim tenho uma visão de mundo que contribui e traz diferencial nos projetos de trabalho.

Então aprendi nesse processo que a minha vivência é única. É importante entender o quanto nossas trajetórias têm um lugar de valor e nos fazem seres criativos e protagonistas dos nossos trabalhos. E que bom que eu posso ser porta-voz dessa minha história e da história de outras mulheres pretas e nordestinas.

Você se sente ocupando ou pertencendo a esses espaços?

Nessa trajetória entre o ocupar e o pertencer, percebo que talvez a gente comece a se sentir pertencente quando encontra iguais ali, mesmo que em cargos que geralmente não são de gerência. Também quando não somos chamadas só para validar coisas, quase como no papel da "wikipreta", que está ali apenas para apontar racismo, machismo, sexismo.

Eu quero ser chamada para construir junto. Esse processo de construção é pertencimento. Sem isso, ficamos ali quase como totens.

A Monique Evelle (empreendedora e ativista) fala que durante muito tempo ela achou que era tímida, mas na verdade ela descobriu que só era silenciada. E não é sobre mandarem te calar a boca na frente de todo mundo, é sobre como você vai pensar que tem algo relevante para dizer, se sempre te interrompem.

O quanto você vai se sentir segura para falar coisas quando o ambiente faz parecer que você não tem a linguagem necessária? Eu, por exemplo, não tenho inglês fluente e, desde a primeira experiência em SP, vi o quanto a linguagem de agência é excludente. Tínhamos reuniões com vídeos sem legenda em português. **Isso me fazia questionar o seguinte: se eu não falo essa linguagem, o que tô fazendo aqui então?**

“A Monique Evelle (empreendedora e ativista) fala que durante muito tempo ela achou que era tímida, mas na verdade ela descobriu que só era silenciada”



**@RRITISSIMA
INDICA!**

**PRO
JETOS**

“Esses aqui as mulheres podem acessar para formar redes, absorver conteúdos e receber mentorias: [Indique uma Preta](#), [RP da Pretas](#) e [Preta Comprando de Preta](#)”

**CUR
SO**

“Fico de olho na [Inesplorato](#), que tem cursos bem legais, como o de [Curadoria de Conhecimento](#), que inclusive é um objetivo meu”

**POS
TURA**

“Percebo como é importante enxergar a mentoria como algo não engessado. Como uma troca mais real. Transformei minhas mentoras em amigas e isso foi ótimo”

E A MULHER PRETA

LGBT+?

por Lê Milião

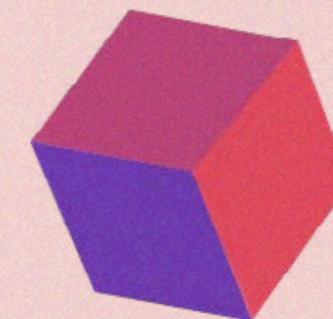
A REPRESENTATIVIDADE
E A LUTA PELA VIDA

Ainda vemos pouca representatividade da mulher negra na mídia e, quando vemos, ela está sempre dentro de alguns estereótipos que já abordamos por aqui. Mas uma coisa é igual para TODAS as representações: a sexualidade. A mulher negra, em sua grande maioria, é sempre retratada como héterossexual.

A questão é que, mesmo em reality shows, percebemos que os negros ainda estão ali cumprindo a famigerada cota, o que significa que provavelmente teremos apenas uma mulher e um homem negros e, assim como qualquer grupo, somos plurais e diversos, mas insistem na heterossexualidade compulsória, e essa é mais uma luta que a mulher negra LGBT+ precisa travar. A luta de não ser invisibilizada.

Como se ser negra já não fosse um motor da invisibilidade que nos cerca.

Dessa forma, ser mulher negra e LGBT+ em uma sociedade que sequer enxerga um corpo negro é um ato de coragem, e se assumir perante todos é acima de tudo um ato político para que novas gerações não enfrentem os mesmos desafios que enfrentamos hoje para existir.



LUTAMOS POR REPRESENTATIVIDADE MIDIÁTICA, MAS PRINCIPALMENTE PELO

por Lê Milião

DIRETO À VIDA

Segundo dados de 2018, repassados ao portal UOL pelo ex coordenador da Diretoria de Promoção dos Direitos LGBTQ do Ministério dos Direitos Humanos, **a cada 16 horas temos uma morte por homofobia no Brasil**. Já segundo o Monitor da Violência, uma parceria entre o G1 e o Núcleo de Estudos da Violência da USP, **em 2019 uma mulher foi assassinada a cada 7 horas no Brasil. No quesito raça, em 2017 um jovem negro foi assassinado a cada 23 minutos no país**.

Com esse panorama é possível entender o tamanho de nossa luta, uma vez que estamos inseridas na intersecção desses grupos de risco. A invisibilidade e falta de representatividade para além do estereótipo cômico da mulher negra lésbica-, nos desumaniza e se torna um dificultador no caminho da negra LGBTQ+, uma vez que precisamos lutar para nos manter vivas. E esse cenário se agrava ainda mais quando falamos sobre mulheres negras trans, o principal alvo de violência dentro do nosso grupo.

Em reality shows como o Big Brother Brasil, tínhamos apenas a Thelma. No famoso *De Férias Com o Ex*, da MTV, vemos geralmente apenas uma mulher negra. E mesmo em *O Crush Perfeito*, da Netflix, tivemos um resumo da heteronormatividade. E esses exemplos são apenas três casos entre diversos que poderiam ser citados aqui.

E é importante deixar claro que, mesmo que aquela mulher retratada não seja heterossexual na vida real, ela está lá com o papel de performar exatamente isso. E é justamente o que precisa ser revisto, uma vez que somos múltiplas como todo ser humano, com sonhos, anseios e sexualidades diversas.



*Cena do reality
O Crush Perfeito,
Netflix Brasil*



NA MÚSICA MULHERES PRETAS TRAZEM PLURALIDADE

5 CANTORAS QUE INSPIRAM

por Cristhiane Farias,
assessora e social media



Luedji Luna

Ouvir Luedji Luna é cura em tempos difíceis, sua música é ferramenta de aconchego, traz muita calma e paz. Ela também é referência por conquistar espaços tendo poucos recursos, seu clipe de maior visualização, "Banho de Folhas", foi totalmente independente e abriu portas para ela no cenário musical.

Foto: Caroline Lima



Karol Conka

É uma referência musical que me marcou muito em questões estéticas, como na minha fase de transição capilar. A música "Marias", do primeiro álbum dela, traz muito essa reflexão sobre a não aceitação da menina/mulher negra que tenta alisar seu cabelo, mas que ainda assim não se sente aceita.

Foto: Carlos Sales

Elza Soares

Elza é o lembrete de que devemos resistir e usar nossas vivências a favor da nossa história e daquilo que mais desejamos. Sua música é resistência, potência e o registro vivo da nossa ancestralidade.



Foto: Daryan Dornelles



Foto: Vitor Manon

Indy Naíse

A Indy vem trazendo muitas mensagens de afeto em seus últimos lançamentos, mas também traz muito dedo na ferida em seu primeiro álbum. São também mensagens de cura, lembretes sobre nossas medicinas naturais, a busca para nos olharmos mais intimamente como mulheres pretas.



Foto: Adriana Spaca

Mc Tha

A originalidade do trabalho musical é o que mais me marca, conseguir misturar o funk com ritmos de terreiro, de umbanda, tem também seu poder de força e de cura, e que nos leva a nos movimentar e resgatar nossa fé.

MAS COMO ELAS TÊM CHEGADO NA INDÚSTRIA MUSICAL

Foto: reprodução

Como você percebe o escoamento de artistas pretos e pretas na imprensa diante da sua experiência na assessoria com o cantor Rincon Sapiência?

Eu já tinha contato com a cena independente de música preta por frequentar saraus e slams em São Paulo. A partir do trabalho com o cantor Rincon Sapiência acabei tendo mais acesso a artistas do mainstream e pude compreender como esse movimento independente tem grande dificuldade de articular sua comunicação e trabalhar sua imagem fora das redes sociais. É bem pontual quando os artistas conseguem montar sua própria equipe e ter um responsável por filtrar convites, escoar pautas e montar um planejamento com base nos objetivos de carreira.

E as mulheres pretas conseguem espaço?

A artista da cena independente geralmente é produtora, cantora, compositora, social media, assessora de imprensa e acaba tendo que acumular funções - e muitas vezes sem conhecimento técnico. Existem muitos veículos independentes também que apoiam artistas da cena. Mas com a possibilidade do streaming, o volume de artistas e lançamentos também é muito maior e acaba demandando muito deles e delas. E hoje, com mídias como podcasts, LIVES, programas de YouTube, vão sendo criadas novas oportunidades de acesso e escoamento para cantoras pretas.

Agora, quanto ao acesso em programas de TV, realmente a presença é ínfima e a representatividade acaba sendo desproporcional, com poucas artistas ocupando esses lugares. Podemos contar facilmente quem são elas: Ludmilla, IZA e Karol Conka - artistas que possuem uma estrutura de trabalho muito grande, com várias equipes envolvidas, agências e gravadoras e que conseguem investir muito em suas produções para estarem sempre em visibilidade.

“**Hoje, com mídias como podcasts, LIVES e programas de YouTube, são criadas novas oportunidades de acesso e escoamento para cantoras pretas**”

(Cristhiane Farias tem experiência em assessoria de artistas pretos e relações públicas)

MULHERES PRETAS

CREATORS BRASILEIRAS

O QUE ELAS ESTÃO DIZENDO, ONDE ELAS ESTÃO, QUAIS SUAS PAUTAS?

TIK TOKERS



CAMILLA DE LUCAS

@CAMILLADELUCAS

Memes • Comportamento

L I N K



PATRÍCIA RAMOS

@PATRICIARAMOSR

Moda • Beleza Negra

L I N K



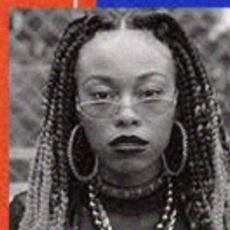
DEBORAH PEREIRA

@DEBORAH.PEREIRA

Memes • Comportamento

L I N K

INSTAGRAMMERS



STELLA YESHUA

@PRETARAUJO

Rapper • Afetividade

L I N K



MEL

@MELPORMEL

Creator • Transgeneridade

L I N K



BIA FERREIRA

@IGREJALESBITERIANA

Música • Afetividade • LGBTQ

L I N K

TWITTER



LUANA CARVALHO

@LXCARVALHO

Ativista • Liberdade corporal

L I N K



ALINE RAMOS

@ALINERAMOS_ME

Cultura • Cotidiano

L I N K



MONIQUE EVELLE

@MONIQUEEVELLE

Sociedade • Cultura Negra

L I N K



O QUE NÃO PERGUNTAR PARA

MULHERES PRETAS MULHERES PRETAS MULHERES PRETAS MULHERES PRETAS

SE VOCÊ
FAZ/FEZ,
JÁ PODE
REPENSAR!

1 Já te disseram que você lembra muito aquela cantora Iza...ou seria a Ludmilla?

Levanta a mão toda mulher negra que só por ser negra já foi comparada com alguma famosa que não tem NADA a ver com você.

2 Você pode me ensinar umas técnicas pra ser mais quente na cama?

Não, não podemos ensinar, pois essa ideia da mulher preta que em primeiro lugar transa bem, é racista e colonial.

3 Você não sabe sambar? Como assim?

Pois é, assim como você que não sabe sambar, diversas mulheres pretas também tem esse direito.

4 Mas vem cá, como você lava seu cabelo? Dá pra lavar normal?

Quando você pergunta isso, você na verdade está enquadrando o cabelo crespo no lugar de sujo. Guarde essa pergunta para si.

5 Você sabia que é muito bonita para uma negra?

A estética negra é linda, se você não enxerga isso é melhor rever seu conceito de beleza.

ACOMPANHE, ESPALHE E INSPIRE-SE!

POESIAS

Ryane Leão

[LINK](#)

MUSICALIDADE E AFETIVIDADE

Ella Fernandes

[LINK](#)

PROJETO COLA VELCRO

Pérola

[LINK](#)

AUTOUIDADO

Mariana Reis

[LINK](#)

ILUSTRAÇÕES

Thais Regina

[LINK](#)

COLAGENS

May Agontinme

[LINK](#)

TRANSGENE- RIDADE PRETA

Giovanna Heliodoro

[LINK](#)

AFETIVIDADE LÉSBICA

Jamine Miranda

[LINK](#)

FOTOGRAFIA AFROCENTRADA

Lorraine e Naira

[LINK](#)

AFETIVIDADE PRETA

Gabi e Karina

[LINK](#)

VIVÊNCIAS LÉSBICAS

Livia Ferreira

[LINK](#)

AUTOUIDADO

Laís e Deisy

[LINK](#)

**A AFETIVIDADE DE MULHERES PRETAS
ESCORRE PELAS REDES SOCIAIS**





**VALIDE
ESCUTE
ENXERGUE
MULHERES
PRETAS**

REMIX

**CLIQUE AQUI E ASSINE PARA RECEBER
A NOSSA NEWSLETTER POR EMAIL**

